

# Há cem anos imprimia-se o primeiro jornal em Campinas

CAMPINAS, 3 — A data de amanhã assinala a passagem do primeiro centenário da imprensa desta cidade, que surgiu, regularmente, com a circulação do jornal "A Aurora Campineira", dos Irmãos Teodoro.

## PRIMORDIOS

Em 1824, chegou ao Brasil Hercules Florence, nascido em Nice, a 29 de fevereiro de 1804 e que integrava uma expedição, chefiada pelo barão Jorge Henrique Langsdorff, entomologista, que pretendia realizar estudos no interior de

S. Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará.

Todavia, Hercules Florence foi convidado a fixar-se em Campinas, onde residia, ao tempo, o parlamentar Alvares Machado, de cuja filha se apaixonou, para casar-se com ela, tempos depois. Espírito inventivo, Hercules Florence logo deu demonstrações do que era capaz. Assim, em 1830 começou, em Campinas, os estudos da "poligrafia", processo que imaginara para dar à estampa um tratado zoológico de lavra própria. No ano de 1832, coube a Hercules Florence inventar nesta cidade a fotografia, conseguindo com ela reproduzir no papel a cadeia pública local e um anúncio de sua loja.

No entanto, somente alguns meses depois é que Daguerre, na França, inventava a fotografia, dando divulgação e ficando com as glórias que a rigor, pertenciam a Hercules Florence. Ainda em 1832 Hercules Florence estabeleceu-se na rua do Rosario n. 2 (hoje Francisco Glicerio), com uma "Autografia" de sua invenção, "por meio da qual imprimia, escritos e desenhos". Logo depois, em 1836 vai ao Rio de Janeiro e, com as economias que possuía, adquiriu uma tipografia completa, por ... 800\$000, considerada uma pechincha naquela época. Declarando-se a revolução de 1842, Hercules Florence a ela se incorporou, levando a sua tipografia.

Em Sorocaba, onde permaneceu, começou a imprimir "O Paulista", tendo como distribuidor de tinta José Manuel de Castro, nosso conterrâneo, que foi o único prisioneiro dos revolucionários em toda a campanha. Quando ia ser impresso o quinto número, surgiu o boato da aproximação das tropas legais e o material tipográfico foi enterrado, retirando-se Hercules Florence para Porto Feliz, montado em um cavalo ou burro... Não tardou que o ilustre cidadão francês voltasse a Sorocaba e de lá exumasse a tipografia, trazendo-a para Campinas, onde passou a imprimir, até 1848, os seus reclamos de mercador, em meia folha de papel, epigrafada "Anúncios". Era preciso que nos referíssemos a Hercules Florence e suas atividades, porque foi essa tipografia que deu origem ao primeiro jornal de Campinas. O prelo foi vendido em 1858 aos Irmãos Teodoro — João e Francisco — os quais passaram a editar a "Aurora Campineira" que se localizava no prédio existente na rua do Portico (Ferreira Penteado) na esquina da rua Bica Grande (Irmã Serafina).

## OFICIO

A' Camara Municipal ambos enviaram o seguinte officio:

Ilmos. Srs. Em virtude do artigo 303 do Codigo Criminal, declaramos a V. Ss. que estabelecemos, na rua do Portico n. 17 nossa officina tipografica, onde, no dia 4 do corrente, demos á luz um periodico sob o titulo "Aurora Campineira", o

que levamos ao conhecimento de V. Ss. em cumprimento do mesmo artigo. Deus guarde a V. Ss. Campinas, 10 de abril de 1885. Silva & Irmão.

Constituíam a firma os filhos do alferes Joaquim Teodoro da Silva, português, que foi negociante em Santos e Maria Barbara de Siqueira e Silva, natural de Campinas; João Teodoro e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, este nascido, aqui, a 15 de março de 1836 e aquele na cidade litoranea, a 4 de maio de 1834.

A "Aurora Campineira" media 30 centímetros de comprimento por 20 de largura, em 4 paginas de 2 colunas cada uma, cheias em tipo corpo 8. Apresentava o mesmo aspecto da "Aurora Fluminense", de Evaristo da Veiga, a qual lhe teria servido de modelo. Era elle impressa e composta pelos proprietarios e possuuiu inicialmente 120 assinantes. Foi um jornal destemido, cujos diretores responderam a varios processos. A "Aurora Campineira", no fim do segundo ano de existencia, cessou a publicação, regularmente feita aos domingos, a fim de que a 10 de junho de 1860 surgisse "O Conservador", que desapareceu a 11 de novembro daquele ano. Era de propriedade de Silva & Irmão e tinha também, como editor, o socio-gerente da firma. A redação foi confiada a Francisco Antonio de Araujo.

Anos depois, a 31 de outubro de 1869, surgiu "A Gazeta de Campinas", que se publicava ás quintas-feiras e domingos. Estava ella instalada no predio da rua de Baixo (hoje Lusitana), esquina da rua Formosa (hoje Conceição). O material tipografico fóra adquirido do "Correio Paulistano". A firma proprietaria era Marques & Companhia, composta de Joaquim Roberto de Azevedo Marques e Quirino dos Santos, tendo a gerencia sido confiada a José Maria Lisboa, mais conhecido por Zé dos Almanagues, por ser o introdutor, em Campinas, desse genero de publicações, em 1871. Havia apenas dois tipografos em "A Gazeta": Hilario Magro Junior, há alguns anos falecido e que foi o paginador do primeiro numero de "A Provincia de S. Paulo", hoje "O Estado de S. Paulo", e João Carneiro da Silva Braga. A entrega dos jornais era feita por Luiz José de Almeida, mulato mais conhecido por Luis Corneta. O numero de assinantes elevava-se a 500, numa época em que a cidade possuia 25 ruas grandes, e 16 pequenas, incluindo-se os becos e 11 praças, com 1.400 casas e 8.000 habitantes. Em 1876 a "Gazeta de Campinas" passou a ser diaria e no decenio de 1878 a 1888 contou com a colaboração de Miranda Azevedo, João Vieira de Almeida, Julio Ribeiro, Hipolito da Silva, Tomaz Alves, Julio Mesquita e d. Julia Lopes de Almeida.

## "A MOCIDADE"

Em 1874, a 1.º de maio, surgiu "A Mocidade", que tinha por sede uma pequena casa, de porta e janela, á rua do Teatro (José de Alencar), entre as ruas Bom Jesus (Campos Sales) e S. José (13 de Maio). O prelo de madeira já instalado, e do qual haviam saído antes "A Aurora Campineira" e "O Conservador", viera de um galinheiro, do fundo do predio da rua do Goes (Cesar Biernbach), canto da rua de Baixo (General Carneiro), onde residia a mãe dos Irmãos Teodoro. Foi elle adquirido por Antonio Duarte de Moraes Sarmiento por 300\$000, dinheiro que obtivera por emprestimo de Joaquim Dias Ferraz Sobrinho.

Outros órgãos surgiram posteriormente, entre os quais poderemos mencionar: "Atualidade", "Diario de Campinas", "Opinião Liberal", "O Petiz Jornal" e "O Comercio de Campinas".

## COMEMORAÇÕES

As solenidades comemorativas do centenário da imprensa terão inicio sabado, ás 16 horas, com a inauguração de um marco na pequena praça formada no cruzamento da av. Francisco Glicerio com a rua Marechal Deodoro. Falará no ato o jornalista João Rodrigues Serra, do "Correio Popular".

Às 17 horas, no andar terreo do Centro de Ciencias, Letras e Artes, dar-se-á a inauguração da Exposição Retrospectiva da Imprensa de Campinas e do Brasil.

A fita simbolica será cortada pelo dr. Julio de Mesquita Filho, diretor de "O Estado de S. Paulo". Saudará o ilustre homem de imprensa, o jornalista Mario L. Erbolato, redator-responsavel do "Diario do Povo" e redator de "O Estado de S. Paulo" em Campinas. A exposição foi organizada pelos srs. José de Castro Mendes e Edgar Leuenroth e reúne peças de inestimavel valor historico e didatico, tais como a poligrafia, pulvografia e os primeiros clichês, processos de reprodução inventados por Hercules Florence, em 1830. Podem ser admirados, também, um volume encadernado da "Aurora Fluminense", do ano de 1828, que serviu de modelo para o primeiro jornal de Campinas. Há ainda coleções da primitiva "Gazeta de Campinas", da "Opinião Liberal", de "O Constitucional", "Diario de Campinas" e "Correio de Campinas" além de outros jornais religiosos, estudantinos e classistas.

## CARIMBO ESPECIAL

De amanhã até o dia 12 do corrente a correspondencia postal, colocada na agencia dos Correios e Telegrafos de Campinas, terá seus selos obliterados por um carimbo especial. E' ele de metal, com 45 milímetros na sua maior dimensão e contornado por um friso retangular, no interior do qual se lêem os seguintes dizeres: "I Centenario", "da" "Imprensa" "de" "Campinas", dispostos em quatro lances horizontais e sobre as projeções de uma prensa tipografica e de uma pena, os quais simbolizam as atividades jornalisticas de Campinas. Entre as palavras "centenario" e "imprensa" vê-se a data fixa "4 a 12 — Abril". No angulo inferior esquerdo há os numeros "1858-1958" e na base os dizeres "Correios — Campinas — S.P.". O referido carimbo poderá ser utilizado, também em selos, folhas, blocos, quadras e em papeis avulsos, desde que manipulado exclusivamente por servidores postais.

## COMISSÃO

Os festejos comemorativos do centenário da imprensa de Campinas estão sendo orientados por uma comissão nomeada pela A.C.I. e assim constituída: presidente, João Batista de Sá; secretario, Caltado Bove; tesoureiro, Jayme Medaljon e membros, João Rodrigues Serra, Mario L. Erbolato, Luso Ventura e Bráulio Mendes Nogueira.

## MENSAGEM DA ASSOCIAÇÃO CAMPINEIRA DE IMPRENSA

A Associação Campineira de Imprensa expediu, hoje, para todos os jornais do Brasil, a seguinte mensagem: "Não é só a imprensa campineira que se ufana, festiva e gloriosa, ao evento de seu primeiro centenário de existencia. A efemeridade tem sentido mais amplo e seu

significado se projeta, intensivamente, por todos os recantos do Brasil, onde se publica um jornal ou existe um profissional da pena.

Há cem anos...

Sim, há cem anos a terra moça, ubertosa e progressista, que Barreto Leme fundou, viu dealbar, com preununcio de sua decisiva caminhada na senda do progresso, o seu primeiro jornal, cujo titulo disse bem de sua presença, exprimiu sua posição na historia campineira, fixou-lhe nova etapa: Aurora Campineira.

Aurora de um novo dia que despontava, que se perpetuou, que se faz centenário agora, que não entardeceu, num esmaecimento de sombra e torpor, que a caída do crepusculo contagia.

Campinas, pelo trabalho admiravel de seus filhos, num afã gigantesco, diuturno e ascendente, estacionou em seu calendario essa aurora de fé e esperança, que seu primeiro jornal anunciou há um seculo, numa previsão de grandeza que se torna realidade.

Desde cem anos que o facho de luz, aceso pelos jornalistas irmãos Teodoro permanece vivo e crepitante, clareando os caminhos, ensolarando as veredas por onde a cidade vem subindo, vencendo tropeços circunstanciais, superando crises dificeis, com o espirito voltado sempre para as grandes conquistas da civilização.

A imprensa campineira tem uma historia das mais alvorçadas e brilhantes, devido ás grandes causas que pelejou, indomita e altaneira, através de acerrimos combates, em que terçou armas leais, destacando-se as lutas gloriosas pela Abolição e pela Republica, que os espiritos, de intensa combatividade, de Luiz Gama, Julio Mesquita, Rangel Pestana, Glicerio, Campos Sales e Quirino dos Santos aviventaram, com heroismo e galhardia.

Cem anos ininterruptos, no diuturno arroteamento da terra boa... depois a semeadeira... e a seara florescendo... e as colheitas fartas que se processam, em todos os setores dos cometimentos humanos, de ordem material, moral, cultural e espiritual, que fizeram do antigo arraial de São Carlos a Campinas moderna de hoje.

Já disse o grande Hipolito da Silva que a imprensa é o despertar dos povos. Assim ele despertou para Campinas há cem anos, e o seu alerta se repete todas as manhãs, no milagre divino da repercussão.

Nesta hora festiva e emocional em que se comemora o 1.º centenário da nossa imprensa, a Associação Campineira de Imprensa, entidade dá classe, reconhecida de utilidade publica pelos governos Federal, Estadual e Municipal, a mais antiga do Estado e a segunda do Brasil — que aglutina em seu seio os profissionais da pena, da terra pioneira de Julio Mesquita — congratula-se, jubilosa, com todos os jornalistas do Brasil, a todos levando a sua calorosa mensagem fraterna de fé nos postulados democraticos, na excelstitude de sua missão apostolar, imune de peias, irrestrita na enunção de seu pensamento livre.

Aos jornais do Brasil as nossas sinceras homenagens. Aos companheiros de luta, soldados do mesmo ideal, o nosso ideal, o nosso apertado abraço — que mandamos, de trincheira a trincheira, de Norte a Sul de nossa estremecida Patria: — a todos levando esta mensagem fraterna e afetiva".

184º paguina de outro offereci no 11  
ho a Simplicio, L. P. e. C. A. S.  
no 11 de 1858

# AURORA CAMPINEIRA.

ASSIGNATURAS

Campinas.

Por anno... 10\$000

Por semestre 6\$000

Publica-se uma vez na semana, subscreve-se na

Typ. Campineira, Rua do Portão n. 17

As assignaturas serão pagas adiantadas, recebem-se correspondências em termos comedidos, e com a competente responsabilidade e reconhecimento do tabelião; porque por seu conteúdo não respondem a redacção, nem os editores; nas noticias e comunicados, é attribuída a assignatura do informante, e para conhecimento da redacção.

Folha avulsa 240.

ASSIGNATURAS

Para fóra.

Por anno... 12\$000

Por semestre 7\$000

ANNO II.

CAMPINAS — SÁBADO 13 DE AGOSTO DE 1858.

N. 13

## A QUESTÃO BANCARIA.

### Haverá

uma anno um homem vispedeiro a outro com moedas de 20\$000 ou 2 centos de reis pelo prazo de 12 mezes ao premio de 1 por 0/0 ao mez.

Fundo o prazo, o devedor foi pontualmente pagar a dois centos, e mais duzentos e quarenta mil reis que são o premio; pagou na mesma moeda, mas em vez de dar 112 moedas, deu somente 99 e mais uma 12\$500, nem as 100 que tinha recebido!

—Mas por que? Porque o ouro tinha um premio: uma moeda de 20\$000 valia 22\$500.

—Mas quer dizer que, ha um anno, quem possuia 20 centos em papel possuia 20 centos em ouro, e que agora se possuia 17.500\$000 em ouro, e que a sua fortuna mengou 2.500\$000 por que, enfim, o papel se vale o ouro que deu por elle.

Quer dizer tambem que o capitalista se tornou tão mais providencia, em vez de emprestar seu ouro, o terra guardado em seu cofre, por que ao meo sem não teria perdido, nem corrido o risco do empréstimo.

—Mas quer dizer que, se previeram as cousas, ha de ser convindo aos capitalistas trocar seu papel por ouro em quanto as duas especies estarem ao par e guardar este em vez de emprestar.

Quer dizer que muitos especuladores previdentes haviam de assim ter feito, donde o desaparecimento repentino do ouro da circulação.

Quer dizer, enfim, que assim mesmo o empréstimo de 100 moedas, todas os capitalistas que não guardaram o ouro... perderão no papel ao 12 1/2 por 0/0 de sua fortuna.

—E quem seria o magico, que sem arrombar porras e gavetas, sem correr os azarres do tabarão, pôde apolpear a gente de uma parte da sua fortuna?

Quem? O agiota, o especulador dos bancos.

Ainda tem, se com a espoliação do capitalista se desenvolvem as fortunas, e todos ficam igualmente ricos; mas, pelo contrario, o homem que vive de por dia do seu trabalho tambem perde, por que paga tudo em ouro, ou dá o equivalente em outro sommo de papel, em quanto o seu jornal em papel não augmenta. Por isso dá um crizado pelo chita e pelo algodão que encarece outrora uma pataca. Se d'antes vive, as estreitas, agora, que tudo encareceu, vive na necessidade.

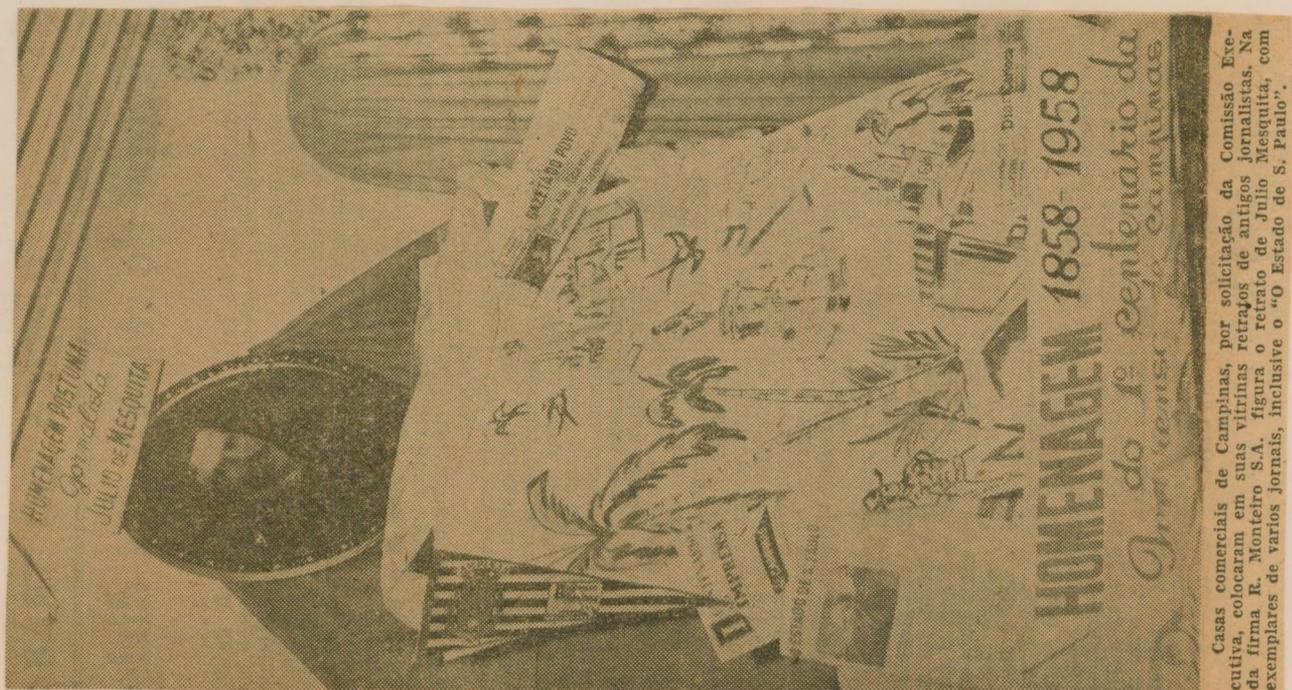
O unico que lucra é o agiota, que, tendo pouco ou nada de sua, fica milionario ganhando neste jogo do credito publico. Os 12 1/2 por 0/0 de fortuna publica passe para a sua gaveta, e para a dos banqueiros e dos caloteiros. Entre alguns os elles ditos, mas, entre uns legítimos donos.

—Mas, por que arte os especuladores dos bancos lucrão a este resultado de espoliação universal no Brazil?

Elles disserão: nos temos acções d'estados de ferro, do Banco do Brazil, e de outras companhias; temos terras; tudo isto é ouro, por que ouro vale. Fazemos um banco com estas fundos, emitimos o triplo d'ellas. De um, que temos, fazemos tres. Ganharemos os dividendos do Banco do Brazil e das estradas de ferro, equivalentes a um, e ganharemos tambem o dividendo do banco onde depositamos estes valores, ganho, equivalente a dois. E ca que tem terras ganharão um cotizado ellas, e ganharão dois que é o premio do dinheiro recebido para hypotheca d'ellas.

Se faltava dizer: com o papel do banco que fundamos, fazemos um fundo para criação de outro banco, que emitta o triplo do seu deposito, e assim multiplicaremos estes valores quantas vezes nos a-proviver, e com ellas crescerá immensamente a fortuna publica sem que a terra produza mais do que o café, do açúcar, do algodão, do fumo mais que o zombarado.

"Fac-simile" do primeiro jornal impresso em Campinas



Casas comerciais de Campinas, por solicitação da Comissão Executiva, collocaram em suas vitrinas retratos de antigos jornalistas. Na da firma R. Monteiro S.A. figura o retrato de Julio Mesquita, com exemplares de varios jornais, inclusive o "O Estado de S. Paulo".